

ESTATÍSTICA REGIONAL DE PLANTAS ÚTEIS

CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS

A. J. de Sampaio

Consultor Técnico do Conselho Brasileiro de Geografia
Secção XXIII — Fitogeografia

A estatística de plantas constitui em Sociologia Vegetal ou Sineciologia a chamada *prospecção*, isto é, contagem de exemplares por unidade de superfície.

Para a Geografia Botânica, o que interessa é o coeficiente de cada espécie em cada formação florística; à indústria extrativa interessam as plantas úteis e o número de exemplares exploráveis. Em outros termos: a Geografia Botânica procura conhecer todas as plantas de cada região, ao passo que a Geografia Econômica interessam apenas as plantas úteis.

Nem sempre, porém, as plantas úteis se encontram espontaneamente em boas condições de exploração; quando muito esparsas, bem menores são as condições de êxito econômico da sua extração; por isso, todas as plantas cujos produtos são de grande consumo, precisam ser cultivadas, na escala conveniente, para atender às necessidades do comércio ou das indústrias.

Cada município do Brasil tem suas plantas úteis, das quais algumas já se encontram em exploração, mais ou menos empírica ou exaustiva, o que é um mal.

O primeiro resultado de uma estatística sistemática de plantas úteis, feita em cada região natural, e atualizada de tempos em tempos, como deve ser de regra, consiste na indicação dos bons ou maus processos da exploração, conforme aumente ou diminua o número de exemplares, na zona de exploração.

A estatística de plantas úteis não pode ser feita, porém, de um dia para outro, nem mesmo no decurso de poucos anos, em relação a todo o país, devido à grande dispersão geográfica.

A marcha normal dos trabalhos de estatística ou prospecção de plantas úteis, divide-se em duas ordens de operações aritméticas, para cada planta:

1. Contagem do número de exemplares de uma dada planta;
2. Cálculo da densidade, pela média por hectare, no município, no Estado e no país.

Se a planta se encontra em muitos hectares ou em vários pontos de um dado município, é preciso fazer tantas contagens quantos sejam os hectares de terra em que se encontre, para depois tirar a média por hectare.

Em geral, quem se dedique a êsses trabalhos estatísticos de plantas, não pode chegar rapidamente a uma estatística ou prospecção completa; terá de ir fazendo o que puder e bom será que vá publicando as contagens que faça, porque, no caso, qualquer contribuição, por menor que seja, é sempre útil.

A Regra Geral é a prospecção de cada planta por sua vez.

Salvo o caso de botânicos regionais que se ocupem de Sociologia Vegetal e simultaneamente de estatística regional de plantas úteis, a regra é fazer cada técnico, em uma dada ocasião, o estudo somente de uma dada planta útil: babassú, carnaúba, castanheiro do Pará, pinheiro do Paraná, mate, etc.

E' claro que nas culturas racionais, cada hectare comporta um certo número de plantas, conforme as exigências edáficas de cada uma; são assim as culturas de algodão, mate, árvores florestais, etc.

Nas primeiras culturas experimentais, varia geralmente o número de plantas por hectare, porque o que se tem justamente em vista é verificar, para cada qualidade de árvores, a distância mais conveniente, de pé a pé.

Na natureza, porém, a cousa é diferente: quando se diz que uma dada floresta tem determinadas espécies de essências, não se define valor real ou efetivo dessa floresta, sob o ponto de vista da indústria florestal, apenas se dá uma primeira noção botânica.

A noção econômica decorre da estatística ou prospecção de cada espécie, por unidade de superfície.

Se se trata de perobas, por exemplo, presume-se logo que se trata de *apocináceas* do gen. *Alpidosperma*, mas também há perobas de outras famílias, *lauráceas* ou *sapotáceas*. Varia o valor industrial, conforme a espécie.

No caso, a primeira questão é saber que há uma dada essência florestal ou várias essências, cuja exploração, como é sabido, terá de ser feita de acordo com o Código Florestal Federal e os códigos estaduais e municipais em cada caso.

Para os cálculos das probabilidades econômicas de exploração, é preciso conhecer previamente o número de árvores adultas que podem ser cortadas cada ano, de conformidade com o referido Código Florestal.

E' claro que então a contagem ter-se-á de fazer, árvore por árvore, para discriminar depois quantos exemplares existem por unidade de superfície, em geral por hectare, e depois quantas árvores em condições de corte anualmente.

Depois dessa contagem por hectare, cumpre verificar quantos hectares de florestas há a considerar, por município ou por propriedade agrícola, em relação a cada qualidade de essências florestais; da mesma forma, cada uma das plantas úteis, de cada tipo de vegetação.

Como padrão dessa estatística, ocorre-nos citar no momento as prospecções feitas recentemente pelo Dr. Ph. von Luetzelburg, em florestas remanescentes no Nordeste, publicadas no Boletim da Inspetoria de Obras contra as Secas.

E' claro que depende de paciência e tenacidade a contagem das árvores existentes em uma dada associação florística; exige tempo e método.

Muito mais fácil é estudar de cada vez a dispersão e a frequência de uma dada planta, em uma certa área de terreno.

Estudada assim cada espécie por sua vez, pode-se chegar à verificação de variedades; a estatística ou prospecção, maxime visando fins econômicos, deve ser relativa a cada variedade.

Vem então à baila a difícil questão dos nomes científicos.

As identificações botânicas nem sempre podem ser obtidas com facilidade.

Plantas há cuja identificação ainda está por fazer com segurança; e nem por isso, a exploração é embaraçada, quando se trata de planta útil.

Em geral, cada planta útil tem um ou mais nomes comuns, diferentes às vezes em relação às variedades

A indicação da planta pelo nome comum, seguida de uma ligeira descrição da planta e acompanhada de um croquis em que se salientem os caracteres de folhas, flores, frutos, sementes, casca, já é uma contribuição valiosa.

Assim baseada iconograficamente a estatística, haverá sempre base para identificação botânica posterior.

Se no Brasil fossem numerosos os botânicos, tornar-se-ia fácil a cada interessado colhêr material de herbário e remetê-lo ao botânico mais próximo, para a identificação, porém, os poucos botânicos existentes não podem atender prontamente aos pedidos que nesse sentido já lhe são feitos a cada passo isso por motivo de dificuldades que não raro ocorrem, para a classificação.

Casos há em que uma classificação depende de longo tempo de estudo, consulta de extensa literatura, difícil de obter; em muitos casos, as plantas

apresentam variações ainda não registadas e então nem sempre é possível discernir prontamente, se se trata de espécie nova ou uma variação de planta mais ou menos polimorfa, ainda não bem conhecida, quanto ao polimorfismo.

E' claro que a exploração econômica de um dado vegetal útil não pode ficar à mercê dessa contingência; a regra é que seja explorado, bastando então, para a indústria extrativa, a denominação vulgar que a planta tenha.

A estatística ou prospecção pode igualmente ser feita, desde que se conheça o nome vulgar da planta.

Economicamente o que importa é o seguinte:

- 1.º que exista a planta útil a explorar;
- 2.º que exista em número e situação favoráveis à exploração continuada através dos tempos;
- 3.º que sejam conhecidas as variações da planta na zona da exploração e que a melhor variedade seja frequente, se não a mais frequente.

Esse registo de variedades, nas estatísticas, é sobretudo, importante para a exploração econômica.

Mesmo quando se pode dar a classificação científica de espécie e de variedades, é muito conveniente que um croquis com os detalhes da planta acompanhe cada indicação estatística de espécie ou variedade.

Como fazer o croquis ou desenho sumário da planta?

As plantas pequenas, como são, por exemplo, várias espécies medicinais, colhem-se inteiras para desenhar.

Das ervas de certo porte, os sub-arbustos, arbustos e árvores, desenham-se geralmente ramos floridos, ramos frutíferos, frutos, sementes, etc., isto é, uma parte suficiente para a caracterização botânica da planta.

Quem for bom desenhista, saberá fazer bom desenho, com sombras, a cores, etc.

Quem não for, pode no entanto fazer bons croquis, desde que se limite às linhas mestras e mesmo simples contornos, croquis, sem pretensão a trabalho artístico, mas de grande utilidade técnica.

Há vários aparelhos auxiliares de desenho, que prestam ótimos serviços a quem não desenha bem à mão livre; assim o pantógrafo, o espectrógrafo, a Câmara Universal de Berville, etc.

Acompanhada de iconografia, a estatística ou prospecção de cada planta útil servirá a um tempo para fins econômicos e como importante registo fitogeográfico.

“LE MATTO-GROSSO”

Desconcertante, o livro que o explorador R. Courteville ajuntou à série de narrativas derivadas de suas excursões às regiões centrais da América do Sul.

A guiza de faláz miragem, que alegra os viajantes e lhes promete diversão aprazível, reveste-se de encantadoras aparências das elocubrações destinadas a deleite e ensinamentos dos leitores.

Editado por livraria famosa — Payot, Paris — trás, no prefácio, o endosso do “Général G. Perrier, membre de l’Académie de Sciences, Président de la Société de Géographie”, que lhe enalteceu a contribuição, de historiador e geógrafo.

De mais a mais, o autor apresenta-se com as láureas de “Chef de la mission ethnographique sud-américaine”, e, nesse caráter, adstrito às exigências fundamentais das obras científicas.

Entretanto, quem lhe manusear as 236 páginas, em que se inclui a relação dos “documentos” consultados, para logo notará a carência de requisitos essenciais a ensaios análogos.

Falta-lhe sequência na composição, precisão de cronologia, e veracidade nas informações, até nas que lhe rompem da pena, como resultado de observações pessoais.

COMPOSIÇÃO DESORDENADA

Contra o costume seguido pelos seus compatriotas, que desfrutam a fama de clareza e ordem nas idéias, apanágio dos escritores franceses, debalde se procurará método de exposição nas narrativas que o autor acolchetou sob o título de “Le Matto Grosso”.

Abre-se o primeiro capítulo, com a história do Estado Central, em cujo desenvolvimento acha geito de incluir o cenário da guerra lopesina, desde a batalha naval de 11 de Junho, como si fosse indispensável à melhor elucidação da matéria.

Compreende-se perfeitamente que João Severiano da Fonseca, seu inspirador* mais frequente, ao que se percebe da leitura da obra apresentada, tenha comentado longamente os sucessos ainda recentes ao tempo de sua passagem pelos sítios, em que pelejaram seus irmãos, alguns dos quais lá repousaram definitivamente.

Embora depois se estendesse a preceito no estudo de Mato Grosso, o título da obra que elaborou comportava maiores proporções, por tratar de “Viagem ao Redor do Brasil”, Rio da Prata arriba.

Análoga justificativa não cabe em livro que pretenda ocupar-se exclusivamente de “Mato Grosso”, matéria sobeja para mais de um volume, sem necessidade de enxertos excusáveis.

No capítulo a que dá o rótulo de “Príncipe da Beira”, enumera as cachoeiras do rio Madeira, que lhe jazem inteiramente fora do raio de influência, e engolfa-se na “Amazônia”, a indicar-lhe minuciosamente a formidável rede potamográfica, desde os manadeiros andinos.

Daí regressa, no capítulo seguinte, a Chiquitos, com o intuito de revelar o que sabe acêra da cidade fundada no século XVI, a meio caminho de Santa Cruz de le Sierra, e retorna ao Guaporé, para lhe historiar o início da navegação, que melhor caberia em páginas anteriores.

Abundam, sem dúvida, as informações, mas destituídas de continuidade, quer no espaço, quer no tempo.

Assim é que desenvolveu a hidrografia em capítulo especial, o penúltimo, mas, páginas atrás, no capítulo IV, já tratara do mesmo assunto, como também ocorre no precedente, de sorte que o leitor, para seguir a mesma ordem de fenômenos naturais, terá que andar aos pulos, no acompanhar o escritor saltitante.

CRONOLOGIA DEFEITUOSA

Monografia, que pretenda esplanar assuntos históricos, para esclarecimentos de indoutos, não deve desprezar a pontualidade nas datas, assinaladoras de fatos memoráveis, à maneira de marcos insubstituíveis.

Consideremos, de vôo, algumas trocas injustificáveis de números.

"Vers le nord, on passe devant l'emplacement du village fondé le 1^{er} Janvier 1680, dans l'île de San Gabriel, sous le nom de Sacramento".

Rio Branco, também sustentador de semelhante asserção, em mais de um dos seus escritos, corrige, nas "Efemérides", a data para 22 de janeiro.

Não será de tão grande monta a diferença, como ocorre no período imediato: "Cette position était destinée à marquer le limite extrême sud de Matto-Grosso".

Ora, naquele último quartel do século XVII, permanecia o território mato-grossense ainda praticamente desconhecido, embora o tivessem varado audazes bandeirantes.

O seu povoamento só principiou depois de 1718, e o nome de Mato Grosso ainda aguardaria mais de uma década para ingressar na história.

Além do anacronismo berrante, ainda acresce a impropriedade da expressão geográfica, pois de forma alguma se destinaria Sacramento a balizar os extremos meridionais de Mato Grosso, como si não existisse, vizinha, a futura capitania de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Ao tratar do descobrimento do Guaporé, diz o autor que José Gonçalves da Fonseca o explorou em 1749, e "en 1750, Luiz Fagundes, suivit intégralement l'itinéraire de Fonseca et fit une carte datée de 1754 des rapides du Madeira".

Rompe dêsse trecho alguma confusão, que o tomo IV, número I das "Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas" facilmente esclarece.

Em 1749, o govêrno lusitano organizou uma "Real Escolta", para explorar o Madeira e Guaporé.

Era constituída, além dos auxiliares e remadores, do sargento-mór Luiz Fagundes Machado, feito comandante, Antônio Nunes de Souza, piloto, e José Gonçalves da Fonseca, mestre de campo, cujo relatório saiu a lume na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo XXI.

Dessa exploração resultou o conhecimento, pela Metrópole, do rio lindeiro, consoante referiu Pombal, em suas Instruções de 30 de abril de 1753, em que cita:

"observando-se bem a carta grande que veio depois de feitos os trabalhos, isto é, a que se formou na viagem de José Gonçalves."

A idade que o autor atribue a Mato Grosso, como circunscrição povoada por luso-brasileiros, destôa inteiramente dos ensinamentos da história da sua colonização.

Diz, a respeito, na página 11:

"L'Etat actuel de Matto-Grosso s'affirme, après 438 ans d'existence, comme une force puissant d'un potentiel dont l'Humanité devra considérer les grandes réserves dans un avenir très proche".

A intenção gentil lograria maior realce, caso não confundisse a data do povoamento de Mato Grosso com a do Brasil, esquecendo a diferença de mais de dois séculos, que separa uma da outra.

A mesma erronia repete-se na página 166, em que se lê:

“Cette masse distribuée tres inégalement dans ses municipes, avec une partie découverte et occupée depuis quatre siècles par les Portugais, la civilisation mattogrossense se hissa, peu à peu vers l'intérieur occupé par les Indiens”.

Em contradita, basta recordar que o povoamento de Mato Grosso, a partir da descoberta do ouro cuiabano, não recua além de 1718, e portanto a civilização matogrossense não pode contar quatro séculos de desenvolvimento.

A página 22, entre episódios relativos à mineração, ocorridos na 3.^a década do século XVIII, escreve, sem referência a nenhuma data nova, como se fosse algum sucesso da época: “Le Comte de Rio Pardo laissa une fortune évaluée à 100 millions. Ses biens furent confisqués et ses heritiers furent avertis que, n'ayant pas de patrimoine, il ne pouvait y avoir d'héritage, la solde de capitaine général donnant juste de quoi vivre”. Intercalado em meio de ocorrências coloniais, dos primeiros tempos do povoamento de Cuiabá, a notícia parece referir-se a alguma individualidade apresilhada à vida cuiabana daquela quadra.

Entretanto, quem manuseiar o livro de J. Severiano, encontrará à página 41, em nota referente à “rapacidade dos governadores”, com que fustigou os demandos dos delegados reinóis:

“Na *Gazeta da Baía* n.º 40, de 22 de maio de 1830, lê-se o seguinte, que é curioso: Conta-se de D. Miguel um fato acontecido o ano passado, que, a ser verdade, é a única cousa boa que êle tem feito no seu odioso reinado. Morrendo o Conde de Rio Pardo, D. Diogo de Sousa Coutinho (a 12 de julho de 1829), deixou a grande herança de mil e duzentos contos. Constando a D. Miguel, imediatamente desapossou os herdeiros e fez recolher ao erário a herança, dizendo: vosso legatário não me consta que tivesse heranças nem bens patrimoniais. Toda a vida foi empregado pelo Governo em comissões e governos militares; nestes empregos era-lhe proibido negociar e os ordenados apenas chegavam para sua decente sustentação; logo, essa enorme herança, que testou, ou foi roubada à Fazenda Real ou a meus vassallos; no primeiro caso pertence-me, e no segundo, como se não sabe a quem restituir, também pertence-me.”

Tal a versão, divulgada por uma gazeta, ao tratar de personagem, que nenhuma interferência manifestou em Mato Grosso. Ainda quando, porém, algum influxo tivesse lá exercido, seria difícil de justificar-se o anacronismo da sua inclusão entre os contemporâneos de Moreira Cabral, que morreu um século antes de D. Diogo de Sousa.

Até nos “Documents consultés pur cet ouvrage”, a relação resvala em confusões deploráveis.

Cita, em primeiro lugar, os “Archives de la ville de Villa-Bella de Matto-Grosso”, como si o General Rondon já não tivesse noticiado em 1907: “Ainda na cidade vê-se o montão de entulho onde desapareceram o edificio da Câmara Municipal e seu Arquivo”.

E aponta, “Scenas de Viagem, du visconte Alfredo d'Escragnolle Taunay, 1712 —, data que envelhece a bibliografia de Taunay de mais de um século.

E continua, errando em todas as datas, e até em nomes.

Manuscrit Historique, de Barbosa de Sá, 1734 (qual?)

Memórias históricas, Pizarro, 1743. (Pizarro em 1743?)

Relação dos povoados de Barbosa de Sá, 1723 (errado).

Brasil e Oceania, de Gonçalves Dias, 1762. (Gonçalves Dias em 1762?)

Capitania Geral de Cuiabá e Mato Grosso, Barbosa de Sá, 1815 (?).

DETURPAÇÕES DA REALIDADE

A êste ponto, maiores avultam os defeitos do ensaio do sr. R. Courteville, não obstante o esforço que revelou em sua elaboração.

Incontestavelmente, procurou ler e observar quanto lhe chegasse ao alcance, mas nem sempre acertou na interpretação do que via, e por isso os deslises espalharam-se por várias secções de conhecimentos científicos.

Botânica

"Le nom de Matto-Grosso a été donné par les aventuriers de Cuiabá à la région qui s'appela d'abord "l'intérieur des Terres des Parécys" du nom des Indiens qui l'habitaient. Ces étendues sont couvertes d'une épaisse forêt qui, depuis Goyaz, borde les flancs d'un grand plateau central et les rives des innombrables cours d'eau qui y prennent naissance".

Dêste exerto, depreende-se que o nome de grande Estado central resultou da existência de espessa floresta, alongada de Goiaz ao Guaporé, e conhecida pelos sertanistas.

Ainda que não houvesse descontinuidade alguma na vestimenta vegetal da borda do planalto central, é certo que ninguém a conheceria em toda a extensão naquela época.

Mas, entre o Jaurú e o Guaporé, a vegetação, de gramíneas e arbustos nas circunjacências, altela-se, possante, contrastando com o porte diminuto em paragens vizinhas.

Daí, a surpresa dos exploradores, e o nome que deram ao novo distrito aurífero no vale guaporeano.

Si proviesse a designação da tal mata orlante do massiço, caberia, antes a Cuiabá, também mergulhada em basto arvoredo.

História

"Un terrain, à 22 Ks. de Cuiabá, sur la route de Coceas et nommé Sapa-teiro, fournit, en 9 jours, 617 Kgs. d'or. Robério Dias et Azeredo Coutinho gardèrent le secret de leur mine de diamants et démeraudes, parce que le gouvernement, qui se réservait la prospection des diamants, eut refusé de leur donner une récompense".

Não atinamos como possam ter ido R. Dias e Azeredo Coutinho a Cuiabá, pois é sabido que o campo de ação dêstes caçadores de riquezas minerais se desenvolveu mais próximo ao litoral, na Baía.

Responsável, porém, por semelhante confusão deverá ser João Severiano, em cujo livro esplêndido se lê, à página 20:

"Sutil era paulista, como o foram quasi todos os descobridores das minas do Brasil: Afonso Sardinha, que em 1595 descobriu as primeiras e levantou fundição nas serras de Ibyraçoyaba...; "Roberio Dias e Marcos de Azeredo Coutinho, inventores das de diamantes e esmeraldas, cujo segredo levaram à tumba, por o govêrno não querer remunerá-los como pretendiam"...

Ao enumerar os bandeirantes de São Paulo, que tinham concorrido para o devassamento do território brasileiro, do Atlântico ao Araguaia e Guaporé, a começar de Sutil, revelador da possança aurífera de Cuiabá, o ensaísta patriótico citou o nome de mais de dezena e meia de audazes pioneiros, com as respectivas zonas de influência.

Diversamente procede o seu imitador francês, em cuja linguagem Roberio Dias e Azeredo Coutinho figuram como personagens de descobrimentos nas vizinhanças de Cocais, ao arrepio da verdade histórica.

Si se limitasse o viajante moderno a trasladar para o seu idioma períodos inteiros do culto cirurgião, não ocorreria nenhuma cincada semelhante à que resultou da cópia infiel, por abranger conceitos desligados do pensamento fundamental do período apresentado parceladamente.

Ao visitar a igreja de Santo Antônio em Vila Bela, o autor notou a sepultura de Ricardo Franco de Almeida Serra, "mort a Villa Bella en 21 janvier 1809".

Não. O grande engenheiro e militar lusitano faleceu em Coimbra, sendo depois os seus restos trasladados para a Capital.

Adiante, outro túmulo: "Des lettres a moitié effacées s'y devinent encore: "...Rol. M... Emour... Sen... Zamb. Pr... Cap. Gen". La tombe du premier capitaine général Rolim de Moura, le successeur du grand Albuquerque, qui s'est fait enterrer avec toute sa fortune, trois grands diamants".

Aquí, a fantasia do escritor libertou-se de quaisquer restrições, para tecer conjeturas de todo falsas.

Nem Rolim sucedeu a Luiz de Albuquerque, nem poderia tornar à Capitania fronteira, donde partiu para ser vice-rei do Brasil.

Dêsse trecho nada se aproveita, nem talvez a própria inscrição, mais que suspeita.

Confusão maior decorre do que diz a respeito do ouro de Galera.

"Claro (da turma descobridora) envoya son frère avec un échantillon d'or pour declarer la découverte des mines de Matto-Grosso. Mais celui-ci n'alla pas à Cuiabá et, des bords du Paraguay, écrivit au régent des mines pour obtenir la concession. Comme réponse, le régent envoya un sergent pour les examiner. Blessé du procédé, le frère de Claro refusa de l'accompagner et lui donna son neveu comme guide. Claro n'était plus a l'endroit où l'avait laissé son frère et était parti pour Mangabaré. Ils ramassèrent sept Kgs. d'or, mais furent assassinés à Pilar, près du rio Burity, par les frères Leme. En passant a Burity, avec ma six roues, j'ai rencontré un petit village prospère et gai; le charme de la route carrossable qui s'étend entre Burity et Cuiabá est inimaginable".

Compare-se com o que escreveu J. Severiano às páginas 36 e 37 e ver-se-á quanto pode uma versão infiel deturpar o pensamento do autor. Diz êle que foram aos sertões dos Parecís o "licenciado Fernando Pais de Barros, seu irmão Artur e dois sobrinhos de nomes J. M. Claro e J. Pinheiro".

Encontraram ouro nas cabeceiras do Galera, e resolveram dar aviso às autoridades.

"Artur ficou e Fernando desceu para Cuiabá". "Não passou, porém, das margens do Paraguay, e daí escreveu ao regente Lara, apresentando a amostra, e solicitando os poderes e meios de explorar as terras minerais".

"Sem satisfazer tal pedido, Lara mandou o sargento-mór Antônio Fernandes de Abreu (mais tarde assassinado (*) pelos irmãos Leme, acrescentou em nota) a reconhecer os novos descobrimentos e examiná-los; mas Fernando, desgostoso, não quis acompanhar, mandando para guiá-lo o seu sobrinho Claro. Já não encontraram Artur no mesmo ponto, e, sim, mais adiante, à margem do Manguabaré; já tendo estado na de Sant'Ana, onde achara três oitavas, e no Brumado, donde extraíram duas".

(*) Ver "Notas à Margem", de V. Correia Filho, página 16.

"Mais tarde, em 1734, J. Manoel Leite Penteado e seu irmão o sargento-mór Francisco de Sales Xavier foram situar-se num campo, que chamaram do Pilar, perto do regato Burití, depois chamado do Brumado".

Embaralhando as asserções de J. Severiano, o seu intérprete modificou o parentesco de J. M. Claro, para lhe atribuir os atos de seu tio, F. P. de Barros.

E, por cima, ainda lhe dá morte violenta, às mãos dos irmãos Leme, afirmativa muito diversa do que transmitira o seu inspirador.

Por fim, confunde Burití, da chapada vizinha ao Guaporé, com Burití, próximo de Cuiabá, por onde diz ter passado. Pelo menos é êsse o lugar que se enquadra ao que descreve, ao descer do planalto.

A mesma balbúrdia se tece em outras páginas, em que se embaralham sucessos, que, expostos de outra maneira, sem interpelações nocivas, e alterações desastradas, seriam verdadeiros.

Economia

O autor que deve ter visitado alguns estabelecimentos rurais, distingue-os por três classes, ao descrever.

"Au Matto-Grosso, on est frappé de la difference d'aspect des trois genres d'établissements agricoles: les usines à sucre, du nord, les plantations de café et les estancias" (pg. 51)

E entra em minúcias para caracterizar fazendas de café que não há em Mato Grosso. Alguma que teria visto nas condições descritas será remanescente do tipo de "sítio" de policultura, na éra da escravidão, modernamente mantido por outras formas de atividade.

Conquanto favoráveis a Mato Grosso, as estatísticas das páginas 168 a 171 exigem coeficiente redutor, que por vezes alcança altas cifras.

Assim é que, ao tratar do cacau, atribue generosamente a Mato Grosso a produção de 32.000 toneladas em 1936, "sur 112.000 tonnes de la production totale du Brésil".

E no entanto, a "Diretoria de Estatística e Publicidade", que superintende superiormente os trabalhos especializados no assunto, deixou em branco até 1936, a coluna relativa à produção agrícola, sob o título de cacau.

Nenhuma havia, pois, apreciável.

O fumo, de 220 toneladas do quadro real, subiu a 18.000 toneladas na fantasia do viajante. As frutas pularam de 860 contos, em 1936, a 17.106 contos de réis, valor somente da exportação, em que "les oranges occupent le premier rang et fournissent toute l'Argentine". Si se encarreirassem pontos de exclamação em comentários silenciosos a todas as expressões falsas, referentes à economia matogrossense, as páginas 168 a 171 se transformariam em florestas dêstes sinais admirativos.

Nem escapou à embrulhada a própria especialização do autor.

Etnografia

Não se devia notar deslize algum neste assunto em trabalho de quem se apresenta como chefe de missão etnográfica.

Entretanto, assevera ao correr da pena: "Les langues et dialectes du Matto-Grosso derivent du tupy-guarany comme les boróros-apiacas-parecys". E' a descoberta mais sensacional em matéria linguística ameríndia, pois que até hoje os sabedores somente incluíam os *apiacás* no grupo tupí, de que divergem tanto os *parecís* do planalto, considerados nuaruaks, como os *boróros* da baixada, aparentados com os otukés da Bolívia.

Não admira, porém, o desacerto do conceito, quando acêrca da agricultura indígena afirma: "Tous les Indiens recoltent le blé, le mais..." etc.

Os índios conhecerão, por ventura, o trigo? Quanto aos *boróros*, "Ce furent les plus précieux auxiliaires de la commission du général Rondon pour la pose de sa ligne Matto-Grosso-Amazone".

Há traços de verdade no informe, que, em conjunto, não deixa de claudicar.

O General Rondon construiu, de fato, a linha telegráfica de Cuiabá a S. Antônio do Madeira, como as outras, que constituem a excelente rede existente no Estado.

Utilizou-se com proveito do concurso dos selvícolas, mais de uma vez.

Os *boróros* nas linhas do pantanal, os *terenos*, no Sul do Estado, em busca de Ponta Porã, e os *parecís*, no chapadão, a que deram o próprio nome.

Não houve necessidade de levar os *boróros* para os domínios dos *parecís*, nem o General Rondon deslocaria nenhuma tribo para fora das suas querências.

Aliás, a distribuição geográfica dos índios incide em cincadas injustificáveis, de que é exemplo a assertiva da página 156.

"Ces Indiens (*Kaingangs*) livrèrent de véritables batailles rangées au personnel construisant le chemin de fer nord-ouest du Brésil entre Aquidauana et Porto Esperança".

Primeiramente, os assaltos às turmas trabalhadoras jamais tomaram ares de batalhas.

Eram investidas fulminantes e rápidas, que de improviso colhessem o pessoal incauto.

Desenvolveram-se de preferência à sombra de florestas paulistas, de Baurú em diante.

E jamais cruzariam o Paraná, como erradamente ensina o etnógrafo.

Para compensar a transferência dos *Kaingangs* às regiões dos *Terenos*, o autor conduz estes últimos ao território daqueles, ao dizer: "Chaque fois que le général Rondon passe par Hector Legru, son wagon est régulièrement pris d'assaut par ces Indiens", pag. 157.

Ora, H. Legru, no município de Penapolis, S. Paulo, está fora inteiramente das excursões dos *Terenos*, povoadores do Paraguai e seus afluentes coletados pelo Miranda.

Geografia

Para um viajante, que além de um decênio de excursões, diz ter estudado o assunto por vinte anos, não se explicam os enganos, de que se acha inçado o livro do Sr. Courteville, em matéria geográfica.

Assim é que assevera:

"Ce rio se jette dans le Paraguay par deux bras, le Aquidauana et Mareco ou Miranda, éloignées de 150 kilomètres", pag. 69.

Ora, qualquer aluno de classe elementar sabe que afluente do Paraguai é apenas o Miranda, a que leva o Aquidauana a sua contribuição de coletor setentrional.

"A 500 mètres de l'embouchure du Miranda, sur la droite, se trouve la ville de Miranda", pag. 215.

A cidade de Miranda, situada na foz do rio homônimo?

Veja-se em qualquer mapa de Mato Grosso o desacerto da informação.

Estas duas cincadas referentes a Miranda, rio e cidade, derivam provavelmente de leitura mal assimilada de J. Severiano, que asseverou a respeito:

"O Miranda lança suas águas também por duas bôcas, no Paraguai; a primeira sessenta e cinco quilômetros abaixo da boca do Taquari".

De semelhante enunciado, perfeitamente acondicionado à realidade potamográfica, o tradutor extrai a indefensável informação do desaguadouro, no Paraguai, de dois braços distintos, denominados Aquidauana e Miranda, separados por 150 Kms. (A troca de 65 kms. por 150 kms. dos trechos transcritos corre provavelmente por conta da impressão), em desacôrdo manifesto com a "sua carta".

Quanto à locação da cidade, J. Severiano ensinara, seguro do que dizia: "Está situada na distância de meio quilômetro da margem direita do rio". Não lhe repetiu o nome por ser de todo dispensável. Tratava da vila de Miranda e não podia ser outro senão o rio Miranda.

Jamais suspeitaria que algum geógrafo abstraído pudesse confundí-lo com o Paraguai, por interpretação forçada e falsa, destoante de "sua carta".

Aliás, onde J. Severiano, adiante, informa:

"A colônia de Miranda (não é a vila), estabeleceu-se 210 kms. a S. E. (da vila), nas cabeceiras do rio", o seu intérprete leu e traduziu erradamente em períodos delatores de grave desleixo.

"Elle (la ville de Miranda) est située par 20'-14' lat. S et 58°-37'-27' long O. de Paris (coordenadas da cidade) et 210 kms. a l'ouest de Nioac". (A essa distância estaria a colônia militar de Miranda e não Nioac).

"Miranda a été établie aux sources de la rivière, 80 kms. au S. S. O. de Nioac".

Nas cabeceiras do Miranda encontrar-se-ia a colônia e não a vila, ancestral da cidade homônima.

Como se vê, não faltam pormenores nas informações fornecidas pelo viajante curioso.

Apenas, necessitam, todas, de revisão, antes de aproveitamento, pois que não inspiram confiança, tal a frequência das suas incoerências e enganos incompreensíveis.

Extravagância maior de marca, a desafiar impossível justificativa, ensombra a pag. 192.

"La serra de São Lourenço sépare le rio Tiquinito, bras supérieur de cette rivière du Manso et du rio das Mortes, affluent de l'Araguaya et les autres sources de ce cours d'eau du Taquary, affluent supérieur du Paraguay venant du 19° lat. S.

Au N. E., quantité de cours d'eau rapprochés portent leur tribut aux Tocantins et au Paraná au 16° parallèle sud et à l'est à l'extrémité de la ligne de faite.

Les tributaires du São Francisco prennent la direction nord, ceux du Paraná infléchissent vers l'est. D'un même point, les eaux du Matto-Grosso vont dans l'Atlantique par le São Francisco qui sépare les Etats d'Alagoas, de Sergipe, partageant en deux parties égales le littoral du Brésil, dans le rio de la Plata par le Paraná et le Paraguay et sous l'équateur par le Tocantins qui se confond avec l'Amazone dont deux bras, le Tapijurú et le Breves, le rejoignent".

Haverá algum estudante de geografia, tão jejuno em noções elementares das distribuições das bacias hidrográficas brasileiras, que transporte para o território matogrossense o fenômeno verificado na região oriental de Goiás, próximo às fronteiras de Minas, onde se avizinham as mais altas cabeceiras do Paraná, São Francisco e Tocantins, sendo que da Lagôa do Varedão, flue para este o Rio Novo, tributário do Somno, e para aquele o Rio Preto, por intermédio do Sapão?

Prolongar até Mato Grosso algum manadeiro do S. Francisco é positivamente descomunal excesso de imaginação, que suprime, sem cerimônia, o vale do Araguaia e do Paranaíba, interjacentes.

Diante de tamanha heresia geográfica, é de relativa inocência designar por Coxipó-Mirim o afluente do Cuiabá, que passa pela povoação da Guia, onde tem o nome de Coxipó-assú, enquanto o primeiro título cabe ao ribeirão, à jusante da Capital, de que dista menos de uma légua, ao passo que o outro, à montante, se encontra a 5 léguas.

Longe iria, porém, a análise minuciosa do livro, que talvez desse matéria para outro, de comentários retificadores.

Citaremos, para caracterizar o critério adotado pelo escritor francês, duas passagens curiosas.

A descrição de Vila Bela detem-se pormenorizadamente no Palácio dos Capitães Gerais, como fizera ao vivo J. Severiano, quando o visitara em 1876, e lá encontrara, nas paredes dos salões, pinturas a fresco, além de dois quadros a óleo em que se retrataram D. João VI e D. Carlota.

Depois o edifício estragou-se de tal maneira que o General Rondon mandou repará-lo em 1907. Ainda nessa época logrou ver as cenas e alegorias da pintura, que o douto etnógrafo J. Barbosa de Faria já não encontrou, quando lá estanciou por volta de 1913. E' certo que muito antes dessa época, os dois quadros do casal bragantino tinham sido removidos para Cuiabá.

E, entretanto, R. Courteville afirma tê-los visto no salão de honra.

Outra singularidade. O autor declara à pg. 13: "J'ai établi une carte géographique du Matto-Grosso qui donne pour la première fois le relevé exact de l'Etat entier... Cette carte représente pour moi vingt ans de travail pour son établissement".

Dessa carta ajuntou uma redução à pg. 23 onde aparece traçada a fronteira setentrional, em tudo semelhante à carta da Comissão Rondon, inclusive com as duas interpretações possíveis, entre o S. Manoel e o Araguaia.

Do Madeira ao Tapajós a divisória segue certamente o paralelo 8°-48, como ficou ajustado e demarcado no primeiro quartel do século atual.

Esquecido do decalque feito, ao desenhar a carta, espraiou-se na página 176 e seguintes, em definir as divisórias de Mato Grosso.

Antes não o fizesse, pois que se limitou a traduzir J. Severiano, cujas idéias eram verdadeiras na sua época, antes das alterações promovidas pelos governos republicanos.

No trecho referido, descreve: "Il a pour limites: au nord, le Madeira et son affluent Gyparana, à partir de ses sources dans la Cordillère du Nord, le rio Uruguatas, affluent du Tapajós; le Tapajós de son confluent avec le rio Uruguatas jusqu'au rio S. Manoel, le rio Acarahy, le rio Xingu jusqu'au rio Fresco, le rio Fresco, la chaîne de Gradahus et le rio Paraná (em vez do Aquiqui, dado por J. Severiano) qui le separent du Pará".

Em vez de lindeira retilínea, em dois longos trechos, e constante da "carta", a indicação escrita segue, em zigue-zague, pelos cursos dos afluentes do Madeira, do Tapajós e Xingú, que ninguém, há muito, cogita de aproveitar para divisas naturais, pois em geral correm aproximadamente pelo meridiano, quando, ao revés, a fronteira deve seguir o rumo dos paralelos.

Nenhum geógrafo moderno, de alguma responsabilidade, gisará as raias de Mato Grosso, ao norte, como ensinaram Cândido Mendes (1868), Pimenta Bueno (1880), Teodoro Sampaio (1908), de acôrdo com as indicações contidas na obra magnífica de J. Severiano.

Sucessos ulteriores modificaram a divisão regional, como o próprio R. Courteville admitiu, na "sua" carta, de que não se lembrou, ao copiar, por escrito, os antiquados ensinamentos do seu guia, outrora aceitáveis, mas hoje revogados inteiramente.

Ao anotar os senões que mareiam a obra do explorador francês e lhe reduzem sobremaneira a valia científica, lamentamos que não fossem melhormente aproveitadas as suas qualidades de excursionista ágil e observador inteligente.

Incontestavelmente, percorreu muitas das paragens que descreveu, cuja história diligenciou conhecer.

Refere-se com simpatia ao Brasil, de tal maneira que em suas páginas frequentemente surgem brasileirismos, muitos dos quais acaso pela primeira vez se exibem no meio de linguagem francesa.

"Veradouros, serra de Bacouhiris, rio Douro, rio dos Bois, rio da Jangada, sítio de Almeida, fazenda de Combará" e nomes sem conta de árvores em português repetem-se a cada passo, quando não penetram na própria estrutura do frasear, a exemplo do que se lê, à página 35:

"De Bugres a la Coricha de Santa Rita, quarante kilometres, le terrain est formé d'une série de plateaux secs et arides, couverts de carrascos (forêts naines et épaisses d'arbustes d'un mètre de haut) ou de campos parsemés de lixeiras, de pau-terra isolés ou de groupes d'araticun (arbres anona et rollinia de la famille des anonacées). Sur les plateaux, des mangabeiras d'une autre espece, aux feuilles vertes ou sepia, chargés de fruits immangeables; on remarque également le piqui de accita cavallo et para todo bignoniacée à fleurs jaunes rapelant, par leurs formes et leurs dimensions, les fleurs des peugas."

E assim, o explorador evoca os aspectos das regiões por onde transitou, em descrições empolgantes, de agradável leitura, para quem não pretenda aceitar, sem exame cuidadoso, as informações fornecidas como verdadeiras.

Não é, pois, obra fidedigna de ciência, mas viva reportagem de viajante curioso, fácil em sacrificar ao pitoresco dos quadros esboçados os princípios exigidos pela exação científica.

Considerado somente por este aspecto, "Le Matto Grosso" de R. Courteville é um livro interessante, que proporciona aos leitores a oportunidade de viajar em pensamento pelas encantadoras paragens centrais do Brasil.

V. Corrêa Filho.